

Desatino ambiental

Rogério L. Furquim Werneck*

Constrangido e perplexo, o País vem acompanhando as agressões gratuitas do governo a autoridades ambientais da Noruega, da Alemanha e da França, agravadas por declarações sarcásticas e desairosas do presidente sobre a chanceler Angela Merkel.

O acesso de irritação adveio de uma confrontação perfeitamente evitável. Tendo desdenhado a resistência dos governos da Noruega e da Alemanha a mudanças na gestão do Fundo Amazônia, bancado pelos dois países, o ministro do Meio Ambiente forçou uma situação que redundou na suspensão de aportes ao Fundo.

Em vez de um recuo conciliador, o que se viu foi uma escalada de radicalização, exacerbada por deprimente interação da insensatez do ministro Ricardo Salles com o primitivismo do presidente. Em audiência na Câmara, em 7/8, o ministro tentou desqualificar a posição da Noruega com o argumento pueril de que, por caçar baleias e explorar petróleo no Ártico, o país também teria um passivo ambiental. Poucos dias depois, o argumento apareceu na boca de Bolsonaro: “A Noruega não é aquela que mata baleia no Polo Norte? Explora petróleo também lá? Não tem nada a dar exemplo para nós. Pega a grana e ajude a Angela Merkel a reflorestar a Alemanha.” (*Valor*, 16/8)

Quando Ricardo Salles foi nomeado ministro, não faltou quem o visse como indicado pelo agronegócio. Se, de fato, chegou a indicar o ministro, o setor tem boas razões para estar profundamente arrependido. Acumulam-se evidências de grande apreensão no agronegócio brasileiro com a rápida deterioração da sua imagem no exterior. A luz amarela já deu lugar à vermelha. Representantes importantes do setor vêm advertindo que o governo precisa entender que a agenda ambiental é parte crucial do negócio.

Ricardo Salles ainda não tem uma política ambiental a mostrar. Por enquanto, parece meramente obcecado com o desmantelamento, a qualquer custo, do “arcabouço ideológico” do aparato de condução da política ambiental, sem se importar com os efeitos colaterais que sua truculenta guerra santa vem impondo ao País.

O que há de errado com o ministro aflorou com clareza na sua participação no programa *GloboNews Paineis*, de Renata Lo Prete, de 10/8. Quem não o viu deveria tentar ver. Os outros dois convidados eram Ricardo Galvão, ex-diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e Marcelo Brito, presidente da Associação Brasileira de Agronegócio (ABAG). Como bem mostrou o início do debate, o programa era uma excelente oportunidade para uma discussão de bom nível sobre a política ambiental.

Mas Ricardo Salles não estava ali para isso. E, afinal, não resistiu. Não teve melhor ideia do que se prestar a interpelar Ricardo Galvão sobre a forma supostamente desrespeitosa com que havia se referido ao presidente Bolsonaro, quando por ele duramente atacado. O que obrigou Galvão a ponderar que, no caso, quem havia sido desrespeitado era ele e não o presidente. De fato, como amplamente divulgado em 19/7, Bolsonaro havia declarado que os dados do Inpe eram mentirosos e que seu diretor deveria estar a serviço de alguma ONG.

Ao virar a mesa dessa forma, Ricardo Salles pode até ter ganho pontos com Bolsonaro, por tão prestimosa subserviência. Mas mostrou a mão. Deixou claro que seu problema básico é uma incontrollável e belicosa propensão a radicalizar e conflagrar, que o leva a atuar como caixa de ressonância do discurso destrambelhado de Bolsonaro sobre a questão ambiental.

Mundo afora, os *lobbies* do protecionismo agrícola nos países importadores de commodities agropecuárias brasileiras festejam a cada dia os desatinos da área ambiental do governo. A imprensa alemã já clama por sanções às exportações do Brasil.

Sobram razões para que o agronegócio esteja alarmado. Há muito em jogo. É preciso pôr fim à insensatez, conter os danos e, tão logo quanto possível, tentar restaurar a imagem do País no exterior. A dúvida é se o agronegócio acredita que a penosa restauração que se faz necessária poderá ser feita com Ricardo Salles à frente do ministério do Meio Ambiente.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.